

Recomeço



TEMBI LOCKE



Recomeço

TEMBI LOCKE

Tradução de Dandara Morena,
Helen Pandolfi, Karine Ribeiro,
Luciana Dias e Maria Carmelita Dias



Copyright © 2019 by Tembi Locke

TÍTULO ORIGINAL

From Scratch

COPIDESQUE

Fernanda Belo

Isadora Prospero

Stella Carneiro

REVISÃO

Eduardo Carneiro

Thais Entriel

PROJETO GRÁFICO

Ruth Lee-Mui

ADAPTAÇÃO DE PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Henrique Diniz

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L792r

Locke, Tembi, 1970-

Recomeço / Tembi Locke ; tradução Dandara Morena ... [et al.]. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2022.

Tradução de: From scratch.

ISBN 978-65-5560-477-1.

1. Locke, Tembi, 1970- - Viagem - Sicília (Itália). 2. Atores e atrizes de televisão - Estados Unidos - Biografia. I. Morena, Dandara. II. Título.

22-79851

CDD: 927.79145002

CDU: 929:791.635-055.2



Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

[2022]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para Saro, que acendeu o fogo do amor.

E para nossa filha, Zoela, a chama eterna.

“Não pense que pode guiar o curso do amor, pois o amor, se achá-lo merecedor, guiará o seu curso.”

KHALIL GIBRAN

PRÓLOGO



Na Sicília, toda história começa com um casamento ou uma morte. No meu caso, com os dois. E foi assim que me vi dirigindo um Fiat enferrujado por uma sinuosa estrada rural nos arredores de Aliminusa, uma cidadezinha siciliana, com a caixinha de madeira que continha as cinzas do meu marido acomodada entre as pernas. Eu estava prestes a entrar em um olivedo no sopé da cordilheira das Madonias, na costa norte da ilha — um terreno pertencente à família de Saro, salpicado de pereiras e damasqueiros antigos.

Certa vez, nessa estrada, ele tinha colhido amoras maduras, torcido as hastes de volumosos cachos de uvas das parreiras, revolvido a terra com as mãos para me mostrar exatamente como cresce o bulbo por baixo do funcho. Eu o havia observado tirar as camadas exteriores da casca do bulbo. Depois, ele me mandou fechar os olhos e ergueu o interior até meu nariz, me convidando a inspirar o aroma doce da terra e me despertando para os mistérios desse lugar. Ele estava determinado a me mostrar a força e a delicadeza daquele mundo natural — o lugar de onde vinha. No nosso último verão, exploramos as montanhas onde ele tinha brincado quando criança.

“Faça o que precisar, mas traga uma parte das minhas cinzas para a Sicília”, disse Saro na época, naquele exato lugar. Seu câncer tinha voltado havia pouco tempo, mas sua morte ainda parecia algo abstrato. Achei que teríamos mais alguns verões pela frente, talvez

cinco. Contudo, ele estava se preparando, e me preparando. Era lá que ele queria que uma parte de si permanecesse para sempre; logo, ali estava eu, após voar mais de onze mil quilômetros, tendo saído de nossa casa em Los Angeles a fim de cumprir a promessa de levá-lo para aquele lugar.

Eu estava cercada pelos barulhos de cigarras e grilos do fim do verão, assim como de lagartos correndo em busca de abrigo contra o sol poente na Sicília. O ar estava pesado com os perfumes inebriantes de eucalipto, lenha queimando e tomates amadurecendo. Ao longe, os sinos da igreja da cidade tocavam, chamando os fiéis para a missa da tarde. Por um instante, imaginei minha filha de sete anos correndo descalça na rua de paralelepípedos. Ela era o outro motivo de eu ter me encaminhado para a costa siciliana, a única forma que eu conhecia de manter o pai vivo em sua memória.

Parei o carro no topo de uma colina íngreme, coloquei-o em ponto morto e verifiquei o freio de mão duas vezes. Depois, dei uma olhada na caixa contendo as cinzas do meu marido, entre minhas coxas molhadas de suor. A caixinha de anel onde Saro guardava suas palhetas de violão agora continha uma parte dele, que eu tinha guardado para mim. A caixa havia deixado marcas de linhas verticais na minha pele, no local preferido do meu marido. Havia chegado a hora. No entanto, eu não tinha coragem de sair do carro.

Saro, que era chef de cozinha, sempre dizia que se casara com uma mulher americana — afro-americana — que tinha a alma culinária de um italiano. Na cabeça dele, eu era italiana do modo como todos deveriam ser italianos: à mesa. O que, para ele, significava gostar de comida fresca, criando recordações e tradições enquanto se passava o pão e se degustava um vinho local. Era uma vida na qual entrei por acaso, quando literalmente colidimos um contra o outro embaixo do toldo da melhor sorveteria de toda a Itália. Sorte, destino. Um olhar e pude ver que ele tinha olhos castanho-escuros que carregavam histórias e me instigariam a contar as minhas. Seu perfil podia muito bem ter sido calcado de uma moeda romana antiga, e sua combinação de traços — pele cor de oliva, queixo firme e o

cabelo ondulado e preto como carvão — evocou uma visão de mim mesma me enroscando em seu corpo, que me atingiu como um raio caindo em um dia bonito. Eu disse “*Mi scusi*” no meu melhor italiano da faculdade. Ele respondeu com um “Olá” em inglês, sem hesitar um segundo. Naquele exato momento, tudo se encaixou.

Percebi mais tarde que Saro tinha aparecido na minha vida e quase instantaneamente criado forma onde antes só havia espaço. Ele acalmou o que eu não sabia que precisava ser acalmado, parecendo completamente disposto a aceitar as partes de mim que eram descontroladas, inseguras, inacabadas e contraditórias. Juntos, nos lançamos à vida como dois garfos comendo de um mesmo prato. Prontos para escutar, para amar, para encarar a escuridão e ainda assim ver um filete fino da lua.

Finalmente abri uma fresta da porta do carro e o ar fresco entrou, junto com mais recordações. Pensei em Saro e no último prazer mundano que compartilhamos, um picolé em formato de foguete. A especificidade da recordação me arrebatou e me levou direto para o nosso último dia, quando a vastidão de nossa vida e tudo o que ela comportava tinha se reduzido a pequenos gestos íntimos que a morte havia tornado necessários — como alimentar meu marido moribundo com um picolé. Eu tinha levado o sorvete aos lábios dele depois de ter incomodado a enfermeira do hospital pedindo que tirasse um picolé do congelador de hora em hora, para o caso de Saro acordar e conseguir comer. Eu queria lhe oferecer uma atenção zelosa e constante, meus últimos atos como sua esposa e cuidadora. Queria que as últimas sensações em seu palato fossem reconfortantes, suaves e até agradáveis. Ele merecia isso. Durante os anos que passei ao seu lado na cozinha, ele havia me ensinado que os detalhes são tudo. O impacto da primeira vez que sentimos o sabor de algo é um fenômeno único. Já que seriam picolés, decidi que seriam os picolés mais extraordinários possíveis: limonada fresca com um toque de agave.

Nos últimos dias, o tempo tanto se comprimia quanto se alongava. Nossa filha, Zoela, tinha acabado de completar sete anos. E,

apesar de eu ter me esforçado o máximo possível a fim de prepará-la para viver sem o pai, mantê-la próxima e incluí-la no acontecimento que mudaria sua vida para sempre, me preocupava de não ter feito o bastante.

No último dia, fechei as portas de correr do nosso escritório e me sentei ao lado de Saro na cama de hospital. A iguaria se derretia, e esfreguei-a contra os lábios dele, os mesmos lábios que tinham me proporcionado uma vida inteira de beijos. Depois beijei sua testa e, quando me afastei, pude ver que um tantinho de suco tinha chegado à sua língua. Ele ficou me olhando o tempo todo. Lambi o suco gelado também. E ele sorriu. Tínhamos trocado um momento de prazer, assim como no início, quando ele sussurrava em meu ouvido depois de fazermos amor: “Tenho uma sede insaciável de amor, o amor pelo seu corpo e a sua alma.” E então ele se foi.

Com sua morte, as coisas pioraram de novo. Toda a força que eu tinha reunido como mulher, mãe e amante murchou completamente, de forma instantânea. Foi como ser arremessada sobre rochas pontiagudas durante a maré baixa, de barriga para cima, com o sol a pino, no dia mais quente e longo do ano mais longo de nossa vida. Não parecia haver um fim para a minha tristeza, nenhuma saída exceto atravessá-la. Passar pela escuridão, o isolamento e a privação do toque do meu marido. No entanto, foi a minha derradeira promessa para ele que me levou, meses depois, até aquele pomar no coração do Mediterrâneo, desesperada por um filete de luz.

O sino da igreja tocou uma última badalada e segurei a caixa com as cinzas na mão. *Amore, l'ho fatto*. Eu consegui. Eu nos trouxe até aqui. Desci do carro.

O sol poente me lembrou de nossa primeira viagem juntos pela Sicília, quando percorremos o interior remoto. Não havia nada para ver além de montanhas, campos de trigo, vacas, homens montando jumentos e incontáveis olivedos. Não conseguimos sinal de rádio, então acabamos conversando durante horas ao longo das estradas sinuosas, com intervalos de silêncio e os intermináveis acelerar e desacelerar do minúsculo Fiat. Lembro-me de que a luz da tarde

era mais um passageiro no carro, testemunhando duas vidas em movimento. E o sol voltou a ser minha testemunha quando enfim saí do carro e me empertiguei. A terra parecia ligeiramente instável sob meus pés.

Diante de mim, havia um grande portão de ferro e uma colunata de pedras brutas, terra compacta e argila, amontoadas umas sobre as outras e ladeando o portão. Criava uma entrada rústica simples, mas impressionante. Um muro de pedras com uma cerca de arame farpado ladeava a entrada principal. Ele separava da estrada as terras da família. Olhei a cerca e caminhei um pouco ao longo dela, na esperança de encontrar uma abertura fácil. Não havia.

Repentinamente exausta, sentei-me em uma pilha irregular de rochas que formava outro muro improvisado e fitei a cidadezinha lá embaixo. Pude ver a cúpula da igreja e, mais ao longe, os campos que desciam abruptamente, formando um vale que levava ao mar. Depois, ouvi um trator se aproximando.

Eu não queria ser vista naquele momento — não queria explicar, para um fazendeiro que passava pela estrada a caminho de casa com a colheita do dia, por que estava no lado de fora de um pomar quase abandonado. Pior ainda, não queria que corresse pela cidade a notícia de que a esposa americana negra tinha sido vista em um lugar aonde ninguém ia. Por isso, levantei-me e apertei o passo. Procurei desesperadamente um trecho de pedras soltas, resultado de chuvas e movimentação de terra, de modo que eu pudesse entrar me espremendo por baixo. Tentei descobrir o lugar exato onde, no verão anterior, havíamos colhido peras direto da árvore e Saro tinha segurado nossa filha no alto para alcançar a fruta mais perto do sol.

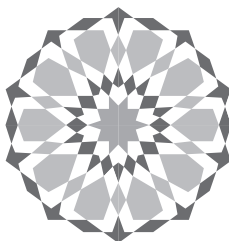
Na Sicília, o amor, a verdade e a dor não são simples nem diretos. Cada um é tão profundo quanto as raízes das oliveiras que salpicam a ilha há séculos. Os segredos muitas vezes se encontram ainda mais fundo. O que eu estava prestes a fazer não era apenas um segredo, mas devia ser tecnicamente ilegal. Nas áreas rurais da Sicília, a cremação é rara, se não inexistente. Já havíamos feito o

sepultamento oficial no cemitério da cidade semanas antes. Jogar as cinzas, mesmo parte delas, em qualquer lugar que não fosse um cemitério provavelmente violaria leis civis e religiosas. Contudo, eu já tinha abandonado todas as convenções sociais quando me arrastei com dificuldade pela terra procurando um lugar para entrar.

Se eu tivesse pensado um pouco antes de ir, se eu tivesse me planejado melhor, se não tivesse mentido sobre meu paradeiro para todo mundo que me conhecia na cidade, podia simplesmente ter conseguido uma chave do portão. Acima de tudo, me sentia incomodada por minha sogra não saber de nada. Ela era, afinal de contas, uma mulher com quem eu nem sempre me dera bem. Os pais de Saro tinham recusado o convite para o nosso casamento, nada contentes por ver seu amado filho se casar com uma mulher americana e negra. No entanto, agora, minha filha e eu estávamos hospedadas na casa de minha sogra, juntas, uma família em luto pelo mesmo ente querido. Talvez eu pudesse ter evitado a terra e os arranhões que certamente estava prestes a suportar. Poderia ter caminhado até aquele lugar de cabeça erguida, depois me sentar em paz sob o sol poente, os gaviões voando no alto, o zurro de uma mula a distância. Mas minha dor e meu amor não funcionavam assim — e eu tinha feito uma promessa para o amor da minha vida. Por isso, me ajoelhei, deixei a terra cobrir minha pele e rolei por baixo de uma cerca de arame farpado. Eu estava determinada a seguir do zero as últimas instruções do meu chef, na esperança de que elas pudessem me conduzir aos primeiros passos no caminho para imaginar minha vida sem ele.

Parte um

ANTES



Tutto sta nel cuminciare.

“Tudo depende do começo.”

Provérbio siciliano

PRIMEIRAS VEZES



Com o passaporte na mão e já sentindo o jet lag, desci do avião em Roma e me dirigi ao setor de alfândega acompanhada de um grupo de colegas da universidade. Eu tinha vinte anos e era minha primeira vez no exterior. Meu programa de intercâmbio da Universidade Wesleyan para a Universidade Siracusa, em Florença, estava começando.

No aeroporto, entrei em contato pela primeira vez com os sons e os aromas de um café italiano. Estava repleto de clientes tomando espresso e comendo *cornetti*. Fui até o balcão, apoiei a mão no vidro morno onde os doces estavam expostos e então apontei, como uma criança, quando o barista me perguntou o que eu queria. Ergui três dedos. Três sabores de *cornetti* para viagem. Um tradicional, um com recheio de creme e outro com recheio de geleia. Ainda não sabia que existia uma versão daquele café em cada esquina da Itália, que o que eu levava naquele saquinho era tão comum quanto ketchup nos Estados Unidos ou, melhor, tão comum quanto um donut. Eu estava apenas feliz com a expectativa da primeira mordida.

A Itália nunca esteve em meus planos. Na época, eu queria mesmo era me tornar atriz profissional depois de terminar a faculdade. Desde que me entendia por gente, sempre quis atuar, ainda que, naquele momento, não soubesse ao certo como faria isso. Era um tiro no escuro. Também não planejava deixar Wesleyan e a pacata

cidade universitária próxima ao rio Connecticut, mas acabei caindo de paraquedas em uma disciplina de introdução à história da arte no fim de um ano difícil como caloura. A disciplina era ministrada pelo dr. John Paoletti, um acadêmico italiano renomado que estudava a Renascença. No primeiro dia de aula, quando as luzes diminuíram no auditório e o primeiro slide apareceu na tela, um friso grego de Corinto de por volta de 300 a.C., fiquei fascinada. Dois semestres de faculdade, e finalmente tudo começava a fazer sentido. Em três semanas, defini história da arte como meu curso. No semestre seguinte, estava aprendendo italiano, um requisito para concluir a graduação. No fim do segundo ano, estava em um relacionamento morno, mas estável, com o monitor de italiano, Connor.

Connor era da Nova Inglaterra e tinha família na Itália. Certo dia, depois de virar a noite em seu quarto na cobertura da república, eu o ajudei a recolher copos de cerveja enquanto ele me ajudava com a decisão de cursar um semestre na Itália.

Ele insistiu que essa era a única maneira de ser fluente no idioma, e assim eu também teria um merecido descanso do confinamento da cidadezinha em que morava em Connecticut, além de me formar no tempo certo. Connor sugeriu que eu fosse para Florença. Tinha uma irmã lá, Sloane, que havia abandonado uma graduação na Vassar para viver na Itália. Ela era alguns anos mais velha do que eu e tinha um relacionamento de longa data com um italiano, Giovanni, que também era seu sócio. Juntos, eles abriram um bar chamado No Entry. Connor prometeu que ela cuidaria de mim. Suas instruções eram simples:

— Assim que chegar em Florença, vá até o primeiro telefone público que encontrar e ligue para Sloane. Ela vai te apresentar a cidade.

O número dela estava guardado no meu passaporte quando embarquei no avião da Alitalia em Nova York.

• • •

Como recompensa pelo jet lag, recebi novas coordenadas, um novo idioma e iguarias locais. A Itália não me decepcionou. Comi meus doces no trajeto de ônibus do aeroporto de Roma para Florença enquanto observava pela janela ciprestes, colinas e casas de campo. Foi como ver pela primeira vez um lugar que eu sentia conhecer durante toda a minha vida. Quando finalmente chegamos a Florença, sob o sol de verão do meio-dia, descemos do ônibus perto da Basílica de São Lourenço. Àquela altura, mal podia esperar para me afastar do grupo de garotas do programa de intercâmbio. Um voo transatlântico seguido de uma viagem de ônibus de duas horas foi o suficiente.

Ao contrário delas, minha intenção na Itália não era fazer compras e sair com minhas amigas de república. Não havia levado o cartão de crédito dos meus pais e não estava a fim de ter um casinho com um italiano nem de viajar para Paris uma vez por mês. Eu tinha um orçamento modesto que daria para um semestre e estava genuinamente interessada em estudar história da arte. Mas também queria mais de minha estada de três meses — havia em mim um anseio que eu ainda não conseguia colocar em palavras.

Depois de pegar minha bolsa do compartimento de bagagem do ônibus, nosso grupo foi dividido e levado para várias *pensioni* perto da estação de trem, onde passaríamos uma noite ou duas até que tivéssemos sido designadas às famílias italianas que receberiam cada uma de nós. Depois de subir três lances de uma escadaria de pedra estreita até meu quarto, que seria dividido com mais duas pessoas, meu primeiro feito foi pôr a mala no chão e entrar na fila para usar o telefone na entrada. Fiz como todas as outras garotas: liguei para casa. Para minhas duas casas, na verdade — primeiro a de minha mãe e depois a de meu pai —, para dizer que tinha chegado bem. Depois, liguei para Sloane.

— *Ciao*, Tembi! — Ela falava como se tivéssemos acabado de nos encontrar para um aperitivo. — Connor me disse que você ligaria. Onde está?

— Em um hotel perto da estação. — Eu não disse que estava numa *pensione* porque não sabia se pronunciaria direito o italiano.

— Vou buscar você — disse ela com um sotaque da Nova Inglaterra misturado com a cadência italiana. No mesmo instante, soube que ela era mais europeia do que eu jamais seria. — Vamos sair para jantar. Preciso estar no centro da cidade hoje à noite a trabalho. Pego você às oito.

Era pouco depois do almoço quando desligamos o telefone, até onde meu jet lag conseguia identificar. Eu tinha tempo suficiente para tirar um cochilo, tomar banho e depois me arrumar para meu primeiro jantar italiano de verdade. Quando todas as outras começaram a combinar de explorar juntas a área próxima ao hotel ou talvez comer alguma coisa, recusei suas ofertas de me juntar a elas.

— Uma amiga vem me buscar mais tarde — expliquei.

Era o tipo de comentário arrogante que não me ajudava muito a fazer novos amigos.

Sloane chegou à *pensione* às oito e quarenta e cinco em um velho Fiat Cinquecento branco-azulado. Era um carro que eu tinha visto apenas em *Os Boas-Vidas*, um filme que assisti em minha aula de cinema neorrealista italiano. Ela estacionou, saltou do banco do motorista e veio me abraçar. Pelo visto, éramos amigas que não se viam há muito tempo, morrendo de saudade uma da outra. Seu cabelo castanho-avermelhado caía em ondas sobre a clavícula bronzeada. O sorriso de Sloane era tão vibrante e ousado quanto seu vestidinho florido pastel Betsey Johnson, mas era de suas pernas compridas que eu não conseguia tirar os olhos. Soube por Connor que ela havia estudado teatro na graduação, e isso fazia todo o sentido pela maneira como se portava, como se estivesse entrando e saindo de cena. Ao seu lado, de calça jeans da GAP, camiseta de gola V e botas, um *look* que parecia tão descolado enquanto eu andava pelo gramado da Wesleyan, eu me sentia desengonçada.

— Entre aí — disse ela, depois de me abraçar.

Abriu a porta do lado do passageiro e passou por cima do câmbio para se sentar no banco do motorista. No processo, atirou a bolsa de couro com franjas no banco de trás. Depois pareceu mudar de ideia: pegou-a de volta, colocou-a no colo e tirou um baseado de dentro.

— Quer?

— Não, obrigada.

Parecia que ela já tinha dado uns tapas; havia marcas de batom na seda.

— Mais tarde, então, temos tempo. — Ela ligou o motor. — Vamos nos encontrar com meus amigos perto de San Casciano primeiro, jantar na casa deles. Ele é pintor, ela faz as cortinas para Luisa. Depois vamos para o bar.

Ela puxou um longo trago e apagou o baseado no assoalho do carro.

— Coloque lá atrás — disse ela, me entregando a bolsa. — A sua também — acrescentou, levantando minha mochila do meu colo.

Eu obedeci, e partimos com o vento de verão entrando pelas janelas abertas do carro. Ela nos conduziu por um labirinto de ruas atemporais e travessas estreitas de paralelepípedo iluminadas por postes de luz amarelada. Coloquei a mão para fora e Florença correu por entre meus dedos.

Quando enfim chegamos à casa de Massimo, em uma área campestre próxima à casa onde Nicolau Maquiavel havia passado a infância, eu estava ansiosa e enjoada por causa da viagem.

— Algum deles fala inglês?

— Mais ou menos, mas posso traduzir. Vamos lá.

Ela abriu a porta da frente, que estava destrancada, e imediatamente entrou na casa como um furacão, seguindo o som do jazz e das conversas que pareciam vir de algum lugar no primeiro andar.

Eu a seguia, tímida e atordoada com tudo o que estava vendo. Tive certeza de que estava em um set de filmagem da Merchant Ivory. Chão de pedra, tapetes sofisticados, estantes de mogno. Sloane virou-se para trás e me pegou pela mão pouco antes de chegarmos ao terraço ao ar livre, onde cerca de doze italianos estavam reunidos em duplas ou trios. A conversa em cada um dos grupos parecia íntima e teatral, todas acontecendo por trás de uma cortina de fumaça de cigarro.

Sloane apertou minha mão e se aproximou para sussurrar:

— Vou pedir para Massimo nos mostrar a coleção de arte dele antes de sairmos.

Ansiosa, ajeitei a parte de trás da minha camiseta. Me sentia envergonhada e não consegui pensar no que responder.

— Ele tem um Picasso no quarto.

Depois de dizer isso, ela me arrastou para o meio do terraço.

— *Eccola, Tembi! Un'amica americana.*

Então ela me deu um beijo teatral na bochecha, deu meia-volta e me deixou sozinha. Tinha mesmo gente cheirando fileiras de cocaína em cima de uma mesinha rústica?

Eu me aproximei para tentar participar da conversa do grupo absurdamente cosmopolita e boêmio. Sabia o suficiente para recusar a droga e acabei não pedindo para ver a obra de Picasso. Para ser sincera, não sabia como fazer isso e não estava pronta para pedir a um homem que tinha acabado de conhecer para me levar a seu quarto. Ainda assim, mesmo sob a névoa do jet lag, uma versão minha que eu ainda não conhecia começava a surgir. Fui contagiada pela energia da noite e prometi ali, naquele momento, que iria curtir o inesperado. Minha nova versão mergulharia de cabeça na aventura. Eu estava aberta para coisas boas e ruins, para o que viesse. Estava vulnerável como um ovo fora da casca, mas, mesmo assim, animada. Sloane daria o caminho das pedras e eu seguiria — dentro dos limites do razoável. Já gostava da sensação que o novo país deixava em minha pele, de seu idioma criando raízes em minha boca. E, ao longo da noite, à medida que tentava me virar com meu italiano básico, parei de corar e fui ficando cada vez mais confiante a cada conversa. Em um dia, a Itália já estava me fazendo sentir mais confortável. Minhas expectativas eram baixas. Afinal, dizia a mim mesma, eu só ficaria lá por alguns meses. Dando uma olhada naquele terraço, não imaginava que nenhuma daquelas pessoas fosse se tornar uma amizade para toda a vida. A Itália era apenas uma aventura rápida, um ponto fora da curva. O interlúdio perfeito.

Acordei na manhã seguinte no meu quarto na *pensione*. Olhava para o teto e pensava seriamente em me beliscar. O cheiro do

café da manhã subia até o quarto, assim como o tilintar das xícaras contra os pires, das colheres contra a porcelana, dos pratos sendo empilhados, o aroma dos doces frescos. Eu estava maravilhada. Mal podia esperar para começar um novo dia.

Dois meses depois, eu estava limpando o banheiro do No Entry, o bar de Sloane, quando ela chegou. O estabelecimento ficava no coração do centro histórico de Florença, perto da piazza Santa Croce e pertinho do rio Arno. Como sempre, ela deu um pulo lá à tarde e me encontrou segurando um esfregão e escutando Billie Holiday na caixa de som. Minha amiga se tornara minha chefe, por isso eu estava limpando o bar. Apesar de minhas promessas de ser disciplinada, em seis semanas já havia gastado o que juntara para um semestre inteiro. O dinheiro se transformou em cintos, bolsas, jantares e viagens de fim de semana a Roma e Stromboli. Estava totalmente sem grana, mas me recusava a pedir mais a meus pais. Assim, limpava os banheiros do No Entry por fora, antes ou depois das minhas aulas.

— Precisamos de vodca! — declarou Sloane, jogando fora uma tigela de cerejas marasquino do dia anterior.

O estoque do bar estava baixo. De repente, ela decidiu que deveríamos largar tudo e ir para outro bar, o MI6, naquele mesmo instante. Era amiga do proprietário e eles emprestavam coisas um para o outro quando estavam com pouca bebida. O MI6 ficava a apenas alguns quarteirões de distância e aparentemente estava com o estoque de vodca abastecido. Além disso, era certo que seu contato de baseados estaria lá. Ela já andava rápido, mas a ideia de fumar à tarde deixou seu ritmo muito mais acelerado. Fui atrás, correndo para acompanhar suas longas passadas estimuladas pela urgência em comprar maconha. Eu não curtia drogas, mas em Florença estava tentando me abrir para as mais leves. *Um baseadinho ou outro não vão fazer mal, Tembi. Para de ser careta.* Imaginava que Sloane já devia ter usado de tudo, e era exatamente o que eu estava pensando quando viramos a esquina na via dell'Acqua e topei de frente com um rapaz.

— *Mi scusi* — balbuciei.

Por ironia do destino, Sloane o conhecia, lógico. Ela conhecia todo mundo. E ela o apresentou: Saro.

— *Ciao, mi chiamo Tembi. Sì, Tem-bi* — expliquei com meu italiano básico.

Não soava natural, como se eu não tivesse certeza de como as palavras estavam saindo. O que me salvava era que meu sotaque não era tão horroroso assim, além do fato de eu conseguir dizer meu nome com certa facilidade.

— *Sono Saro. Tu sei americana?* — perguntou ele, sorrindo.

Ele vestia uma jaqueta de couro preta e calça branca. *Em pleno outono*. A jaqueta estava aberta e, por baixo, havia uma camiseta branca com a palavra DESTINO, em inglês, em letras laranja bem no meio do peito. A estampa era uma mistura de grafite com figuras aleatórias, incluindo um foguete, uma fatia de pizza, uma ameba, uma guitarra, uma constelação e o número oito flutuando aleatoriamente em tons de azul e amarelo. Era como se ilustrasse o inconsciente de alguém. Eu esperava que não o dele. Por que os italianos usavam camisetas com palavras em inglês aleatórias? Desviei o olhar, não sem antes ver seus sapatos: botas pretas de cano alto. Me fez pensar em elfos na hora.

Olhei para ele e sorri.

— *Sì, sto studiando la storia dell'arte*.

E pronto, gastei todo o meu italiano. Então deixei Sloane continuar a conversa sem mim. Estávamos em frente ao Vivoli, que, segundo me disseram, tinha o melhor gelato de toda a Toscana. Eu me virei para dar uma olhada nas pessoas que entravam e saíam, e foi quando me virei de volta que realmente prestei atenção em Saro. Qualquer um o acharia bonito. Mas a maneira como ele olhava para mim me fez pensar, de repente, que eu deveria ter colocado um sutiã melhor. Seu olhar era sério e atento. Fazia com que eu ficasse consciente da minha respiração e me fez prestar atenção em suas sobrancelhas e no comprimento de seus cílios. Precisei me concentrar para entender o que estavam falando. Entendi ele dizer

para Sloane que estava saindo do trabalho no Acqua al 2, um restaurante popular entre locais e turistas a menos de um quarteirão de distância. Saro era chef. Um homem atraente de cabelo preto, olhos castanhos e pele cor de oliva em um país cheio de homens atraentes de cabelo preto, olhos castanhos e pele cor de oliva. Mas esse foi o que mexeu comigo.

Nas semanas seguintes, ele fez questão de ir ao No Entry todas as noites depois do trabalho. Nós ficávamos conversando por uns vinte minutos. Ele se reapresentava a cada noite, o que eu adorava. Saro me contou que havia nascido na Sicília, era filho de agricultores e tinha vivido brevemente em Buffalo, Nova York, para onde a família se mudara em sua adolescência. Os Estados Unidos não tinham dado certo para eles, então retornaram à Sicília. Um ano depois, ele saiu de casa para estudar tradução na Universidade de Florença e, ao fazê-lo, quebrou uma linhagem de agricultores na família que vinha de séculos. Depois de dois anos de estudos, desistiu do curso e acabou começando a trabalhar como aprendiz de chef de cozinha. Conversamos o bastante para que eu percebesse que ele era atencioso, gentil e esforçado. Várias vezes, após nossas conversas, ele me convidava para jantar. E todas as vezes eu respondia “claro, claro, quem sabe um dia”, de forma evasiva.

Saro, com toda a sua desenvoltura, amabilidade e beleza, não era meu tipo de homem, fosse nos Estados Unidos, fosse na Itália. Ele era muito disponível, muito simpático, e o meu tipo era distante, indisponível e complicado. Depois de vários casinhos no campus que não deram em nada, eu não estava procurando nada sério. Precisava me concentrar nos estudos, não em homens. Mas era mais fácil falar do que fazer.

Na verdade, o primeiro cara com quem me envolvi na Itália era da ilha de Stromboli, na costa da Sicília. Onde eu estava com a cabeça quando decidi dormir com alguém de uma ilha minúscula durante a baixa temporada, quando a única balsa que voltava para o continente partia a cada cinco dias? Bom, digamos apenas que não foi uma decisão lá muito sábia. Fiquei quatro dias evitando os ha-

bitantes locais e o meu novo *amico*, Rocco, que queria me mostrar o *vulcano* da ilha só mais uma vez. Eles tinham nomes para garotas como eu lá no Texas, mas “idiota” não era um deles.

Para o segundo cara, dei o apelido de “Il Diavolo”. Ele era a combinação perfeita de todos os estereótipos do homem italiano — bonito, atencioso, alérgico a monogamia. Trabalhava com construção civil, restaurando *palazzi* do século XV no centro histórico de Florença. Era prepotente, arredo, um mestre dos joguinhos e não falava uma palavra de inglês. Mas tudo bem, porque meu interesse não era no diálogo. Tudo durou algumas semanas, no máximo. Contudo, quando ele terminou comigo, foi como se eu tivesse sido atropelada por um caminhão. Eu sabia que aquilo não tinha futuro, mas, sempre que o via, de alguma forma acabava em sua cama. Ele era como uma pizza de criptonita, meu ponto fraco pessoal.

Eu não tinha a intenção de sair com o chef da jaqueta. No entanto, toda vez que o via, sentia algo diferente. Tentei me manter firme no campo da amizade — nada de sexo —, até que, certa noite, não consegui mais.

David Bowie cantava “Rebel Rebel” enquanto eu ia do balcão até meu lugar, passando pela multidão de boêmios florentinos, estudantes de doutorado europeus e imigrantes norte-africanos que lotava o No Entry naquela noite. A fumaça de maconha e haxixe barato enchia o ar e fazia com que eu me sentisse em um remake de *Scared Straight!*. Meus olhos ardiavam e minhas roupas estavam fedendo. Quando sentei, balancei meu terceiro uísque sour e cantei para mim mesma “*Rebel, rebel, you’ve torn your dress. Rebel, rebel, your face is a mess*”. Então senti alguém tocar em meu ombro.

— Venha aqui fora, tenho uma coisa para você.

Ao virar, me deparei com Saro. A luz neon do letreiro do bar deixava o cabelo dele com uma aura avermelhada. *Nossa, talvez eu devesse ter parado no segundo drinque.*

— Que horas são? — perguntei.

— Uma da manhã — respondeu ele.

Na Sicília, dizem que toda história começa com um casamento ou uma morte. No caso de Tembi Locke, começou com ambos. Quando Tembi conheceu Saro, um chef de cozinha, em uma rua de Florença, foi amor à primeira vista. Havia apenas um problema: a tradicional família siciliana de Saro não aceitava seu casamento com uma mulher negra, norte-americana e ainda por cima atriz. Mesmo decepcionados, os dois permanecem firmes e não desistem da relação. Constroem uma vida feliz em Los Angeles, investem na carreira, nas amizades e no amor da vida deles: uma menina que adotam ainda bebê. Mas, quando eles finalmente se reconciliam com a família de Saro, ele já está enfrentando a maior provação de sua vida: um câncer, que arruína todos os sonhos do casal.

A narrativa se desenrola a partir dos três verões que Tembi passa com a filha, Zoela, na cidadezinha natal do falecido marido, no interior da Sicília, enquanto tenta reconstruir sua vida. Lá, a atriz encontra apoio na sogra e passa a ter contato com as origens de Saro, além de descobrir os poderes da comida simples, de uma comunidade unida e de tradições atemporais. Durante toda essa jornada, ela reflete sobre os anos com Saro e esse romance que mudou sua vida — uma história de amor que vai muito além do tempo que passaram juntos.

Recomeço é uma história sobre perda, viagens e comida, mas também sobre amar, encontrar um lar e lembrar por meio de sabores. Um livro para todo mundo que já lutou por amor, e um lembrete de que a vida pode ser verdadeiramente deliciosa.

SAIBA MAIS:

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1213/>